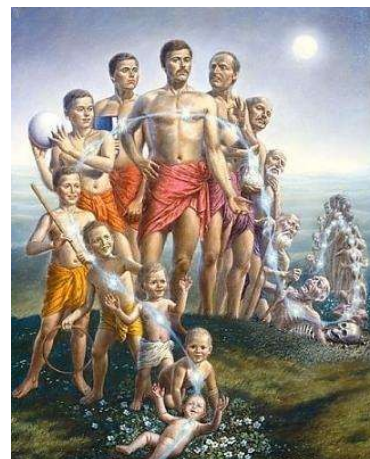


Jesus falou sobre a reencarnação?

“Não te admires de eu te dizer: *Importa-vos nascer de novo.*” (Jesus, em João 3,7)

A resposta à questão proposta em nosso título dependerá, fundamentalmente, daquilo em que a pessoa acredita. Assim se ela for favorável à reencarnação dirá que sim; caso contrário, o não será a resposta que se ouvirá.

Mas aí surge um ponto que não pode ser menosprezado: o que se acreditava na época, em que Jesus viveu, não vale nada? Será que a maneira como hoje vemos as coisas é que vai ditar o que responderemos a esse quesito? Bom, julgamos que os registros históricos não podem ser preteridos à conveniência de ninguém, muito menos continuar subjugados ao dogmatismo dos líderes religiosos, mais interessados em manter um certo estado de coisa, no qual firmam o seu entendimento, do que passar a realidade dos fatos.



Então, o que devemos buscar são esses registros históricos. Primeiramente, recorreremos ao historiador hebreu Flávio Josefo, que viveu de 37 a 103, ou seja, bem próximo aos acontecimentos relacionados à vida de Jesus. Em “Antiguidades Judaicas”, constante na I Parte da obra *História dos Hebreus*, Josefo diz que os fariseus acreditavam que as pessoas boas voltariam a viver num outro corpo, ainda que isso fosse restrito somente aos profetas.

Além dessa fonte, os entendidos também afirmam que na Cabala, em que contém a doutrina esotérica do judaísmo, poder-se-á encontrar a crença na reencarnação.

Uma coisa é fato, e não há como se negar: a palavra reencarnação não se encontra em nenhum versículo da Bíblia, até mesmo porque ela “de acordo com o dicionário inglês *Shorter Oxford*, foi usada pela primeira vez em 1858” ⁽¹⁾, portanto, não existia em nenhuma das línguas usadas nos livros sagrados dos judeus e nem, ao menos, nos dos cristãos.

Mas o fato dela não estar não prova que ela não exista, pois a palavra Trindade também não consta dos textos bíblicos, entretanto, a grande maioria dos cristãos a

1 MULLER, K. E. *Reencarnação Baseada em Fatos*. São Paulo: Edicel, 1986, p. 19.

tem como verdade, e para uns, é algo indiscutível.

Todavia, se não havia a palavra reencarnação, a ideia de que alguém poderia voltar num novo corpo será facilmente encontrada, desde que, obviamente, a pessoa não se apegue aos dogmas teológicos do passado, os quais todos sabemos terem sido impostos a ferro e fogo, visando camuflar os interesses escusos das lideranças religiosas de antanho, razão pela qual empregavam métodos bem semelhantes aos de lavagem cerebral para tornar seus seguidores em fanáticos de carteirinha.

Embora para o povo judeu a ideia sobre reencarnar não fosse muito precisa, daí a enorme confusão que causava, ela pode ser vista em algumas passagens do Antigo Testamento como, por exemplo: "*Somos de ontem e nada sabemos*" (Jó 8,9), que nos leva a relacioná-la com a reencarnação, pois o esquecimento do passado é um princípio ligado a seu conceito. Sim, poderão alegar que seu teor está fora de contexto.

Entretanto, há uma outra passagem que, vista pelas narrativas posteriores, virá evidenciar essa crença. O profeta Malaquias faz uma predição a respeito da volta do profeta Elias (Ml 3,1.23-24). É certo que algumas pessoas buscam fugir dessa evidência dizendo que Elias não morreu, porquanto teria sido arrebatado ao céu de "corpo e alma". Tudo bem, quem quiser pode continuar com essa crença, mas isso não invalidará as seguintes passagens: "*a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus*" (1Cor 15,50), "*ninguém subiu ao céu a não ser aquele que desceu do céu: o Filho do Homem*" (Jo 3,13) e "*O espírito é que dá a vida, a carne não serve para nada*" (Jo 6,63).

Jesus reconhece que foi João Batista quem cumpriu a mencionada profecia de Malaquias, quando estabelece uma relação direta de Elias já ter vindo na pessoa de João Batista (Mt 10,11). É tão clara a relação que Jesus estabelece entre esses dois personagens que fica difícil conceber que, ainda hoje, há pessoas que não veem isso.

Numa certa oportunidade, Jesus perguntou aos discípulos quem o povo dizia que Ele era. Estes lhe responderam que as pessoas pensavam que poderia ser algum desses personagens: João Batista, Elias, Jeremias ou algum dos antigos profetas (Mt 16,13-14).

Vejamos um detalhe desse episódio na narrativa de Lucas: "*Certo dia, Jesus estava rezando num lugar retirado, e os discípulos estavam com ele. Então Jesus perguntou: 'Quem dizem as multidões que eu sou?' Eles responderam: 'Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; mas outros acham que tu és algum dos antigos profetas que **ressuscitou**'.*" (Lc 9,18-19) (grifo nosso)

Atenção especial ao final da narrativa onde é usado o verbo “ressuscitar”, que, no presente caso, tem o sentido de reencarnar, pois, certamente, que, se não acreditassem que alguém poderia voltar novamente em outro corpo, não haveria sentido algum o que pensava o povo sobre quem poderia ser Jesus. Entretanto, como não entendiam bem dessas coisas, incluíram João Batista; mas, obviamente, por terem sido contemporâneos, Jesus não poderia ser esse personagem reencarnado.

Ora, se Jesus não protestou contra a crença de que poderia ser algum dos antigos profetas dizendo-lhes, por exemplo *“Não provém o vosso erro de não conhecerdes as Escrituras, nem o poder de Deus?”* (Mc 12,24) é porque isso acontece, ou seja, por não negar o fato, Jesus, conseqüentemente, sanciona a crença de que uma pessoa pode “ressuscitar” como outra, o que é, exatamente, o que ocorre na reencarnação. Seria uma lamentável omissão de Jesus se a reencarnação não existisse e ele, por não combater explicitamente essa ideia, tivesse deixado que continuassem com essa crença.

Há um passo onde poderemos ver também essa questão: ***“Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. Quem tem ouvidos, ouça.”*** (Mt 11,12-15) (grifo nosso) Veja bem, caro leitor, se Jesus e João Batista viveram numa mesma época, não faz sentido algum em se dizer *“desde os dias de João até agora”*, a não ser que se admita que ele já vivera antes, fato que, na seqüência, Jesus confirma ao assegurar que João era Elias, o que significa dizer que, pela ordem, o primeiro foi a reencarnação do segundo.

Essas coisas ainda não lhes eram muito claras por isso subsistia a dúvida, conforme poderemos ver no episódio em que os espíritos Moisés e Elias aparecem a Jesus, no monte Tabor (Mt 17,1-9). Os discípulos, que o acompanhavam, ao verem Elias, ficaram, como se diz, “com a pulga atrás da orelha”, pois os doutores da Lei diziam, certamente apoiados nas Escrituras, que Elias devia voltar e como o viram ali, pensaram: será que isso não acontecerá? Questionamento que levaram a Jesus. O Mestre, prontamente, lhes responde: *“Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram. Fizeram com ele tudo o que quiseram...”* (Mt 17,11-12). Resposta pela qual os discípulos *“compreenderam que Jesus falava de João Batista”* (Mt 17,13). Por conseguinte, a reencarnação de Elias como João Batista é confirmada mais uma vez, se assim não fosse, Jesus teria negado tal fato, pois, em várias ocasiões, demonstrou conhecer o pensamento íntimo das pessoas. Ademais, não podemos desconsiderar que Ele já havia dito isso de forma

bem clara (Mt 11,14).

E por falar em doutores da lei, um deles, chamado Nicodemos foi ter com Jesus, do qual queria saber o que fazer para conquistar o reino dos céus (Jo 3,1-9). Cujas resposta foi: "*É necessário nascer de novo*". Só que para fugirem de tão evidente afirmação sobre a reencarnação, os contrários apelam para um outro significado da palavra grega *anóthen*, que é "do alto", levando isso à conta do batismo.

Além dos judeus não praticarem esse ritual a pergunta subsequente de Nicodemos, que era um fariseu e, portanto, acreditava na reencarnação, não deixa dúvida de que o significado era mesmo "nascer de novo": "*Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar segunda vez no seio de sua mãe e nascer?*". Na sequência, Jesus, com outras palavras, reafirma o que dissera antes.

E uma última passagem podemos ainda analisar. Certa feita os discípulos vendo um cego de nascença, perguntam a Jesus: "*Quem foi que pecou para ele nascer cego, foi ele ou seus pais?*" (Jo 9,2). Nessa passagem, muitas pessoas se concentram apenas na resposta, esquecem-se da pergunta, que é o ponto principal do diálogo; isso porque não há como um cego de nascença pecar, a não ser em uma outra vida, o que demonstra que os discípulos acreditavam numa vida anterior e também na lei do carma, o que, fatalmente, nos liga à reencarnação.

A resposta de Jesus "*Não foi ele que pecou, nem seus pais, mas ele é cego para que nele se manifestem as obras de Deus*" (Jo 9,3), não nega a reencarnação, apenas afirma que, nesse caso específico, não havia pecado a pagar, dando-nos conta de que esse cego foi um missionário que veio para que as obras de Deus se manifestassem nele, ou seja, reencarnou com a missão de ajudar a Jesus a "abrir os olhos" dos que não eram cegos.

No Sermão da Montanha (Mt 5 a 7) há um detalhe na fala de Jesus que se encaixa muito bem ao nosso tema, qual seja: "*Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.*" (Mt 5,48) Se isso é verdade, ou seja, podemos ser perfeitos, caso nossa vida seja única, seguramente não o conseguiremos; entretanto, tendo múltiplas existências corporais essa meta será atingida por todos nós, ainda que leve uma eternidade para que isso aconteça.

Certamente, que também não conseguiremos "abrir os olhos" dos cegos que não querem ver na reencarnação a manifestação do amor, da misericórdia e da justiça de Deus. São os que preferem ver o Criador, como sendo um carrasco insensível, que manda os infratores da lei para o "quinto dos infernos", em vez de, numa atitude paternal, buscar reeducá-los ao bem, situação que O coloca em desvantagem com os

próprios homens, suas criaturas, que fazem de tudo para recuperar os criminosos, visando reintegrá-los à sociedade. Além disso ainda jogam por terra todo o sentido das parábolas da ovelha e da dracma perdida e da parábola do filho pródigo, nas quais Jesus nos apresenta, justamente, a plena manifestação do amor, da misericórdia e da justiça, atributos aos quais não se pode conceber a divindade sem eles.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
mar/2007.
(versão 3 - revisado em mai/2016)

Imagem:

<http://krishna.zp.ua/images/stories/news/karma1.jpg>

Artigo foi publicado:

- **Jornal Espírita** da FEESP, nº 381, Maio de 2007, p. 10.
- revista digital **O Consolador**, nº 322, julho de 2013.